

**PASTORAL DAS
MIGRAÇÕES
EM AFRICA
RELATÓRIO 2017**



PASTORAL DAS MIGRAÇÕES EM ÁFRICA RELATÓRIO 2017

**INSTITUTO SCALABRINIANO PARA A MOBILIDADE HUMANA
EM ÁFRICA (SIHMA)**

FOR

**SECÇÃO MIGRANTES E REFUGIADOS
DICASTÉRIO PARA O SERVIÇO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO
INTEGRAL**

CIDADE DO VATICANO, 2019

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
SUMÁRIO	3
PASTORAL DAS MIGRAÇÕES EM ÁFRICA EM 2017	5
PASTORAL DOS DESLOCADOS INTERNOS, REQUERENTES DE ASILO E REFUGIADOS	5
PASTORAL DOS MIGRANTES INTERNOS E INTERNACIONAIS	7
PASTORAL DAS VÍTIMAS DO TRÁFICO DE SERES HUMANOS	9
ACOLHER: BOAS PRÁTICAS	11
ABRIGO BIENVENU, IRMÃS SCALABRINIANAS, ÁFRICA DO SUL	11
PROGRAMA DE ACOLHIMENTO, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, MALAWI	13
PROTEGER: BOAS PRÁTICAS	14
PROJETO MARATANE, MISSIONÁRIOS SCALABRINIA- NOS, MOÇAMBIQUE	14
CAMPO DE DESLOCADOS INTERNOS DE GUMBO, MISSÕES SALESIANAS, SUDÃO DO SUL	16
PROMOVER: BOAS PRÁTICAS	18
CAMPO DE REFUGIADOS TONGOGARA, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, MISEAN CARA, ZIMBABWE	18
ECONOMIA RESILIENTE E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA, IGREJA CATÓLICA ETÍOPE (ECC-SDCO), ETIÓPIA	18
EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS EM ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS DE PALABEK, MISSÕES SALESIANAS, UGANDA	20
EDUCAÇÃO JUVENIL E SERVIÇOS DE DESENVOL- VIMENTO SOCIAL, VICARIATO APOSTÓLICO DE GAMBELLA, ETIÓPIA	22
EDUCAÇÃO E APOIO PSICOSSOCIAL AOS REFU- GIADOS SOMALIANOS, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, ETIÓPIA	23

ÍNDICE

EDUCAÇÃO E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA EM CAMPOS DE REFUGIADOS CONGOLESES, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, RDC	24
PROJETO DE MEIOS DE SUBSISTÊNCIA, CENTRO SCALABRINIANO DA CIDADE DO CABO, ÁFRICA DO SUL	25
INTEGRAR: BOAS PRÁTICAS	28
BOAS PRÁTICAS PARA A INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES E REFUGIADOS, CEPAMI, ANGOLA	28
PROJETO DE MEIOS DE SUBSISTÊNCIA DE REFUGIA- DOS NO ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS DE MANTAMPALA, CÂRITAS MANSA, ZÂMBIA	31
PROJETO DE INTEGRAÇÃO, SERVIÇO JESUÍTA PARA REFUGIADOS, ÁFRICA DO SUL	33
PROJETO NASCER DO SOL, MISSÕES SALESIANAS, EGITO	34
FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA REFUGIADOS NO CAMPO DE KAKUMA, MISSÕES SALESIANAS, QUÊNIA	36
CONCLUSÃO	39

INTRODUÇÃO

Este relatório foi encomendado pela Secção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e compilado pelo Instituto Scalabriniano para a Mobilidade Humana em África (SIHMA) de junho de 2018 a outubro de 2018. SIHMA, uma organização sem fins lucrativos e centro de pesquisa, é um dos projetos geridos na África do Sul pelos Missionários de S. Carlos (Scalabrinianos), uma Congregação da Igreja Católica dedicada ao cuidado dos migrantes, refugiados e marítimos.

Este capítulo fornecerá uma explicação pormenorizada da metodologia utilizada para concluir o projeto. Primeiramente, foi realizada pesquisa documental para examinar todos os dados secundários disponíveis, incluindo documentos, relatórios anuais e relatórios de projeto sobre o trabalho realizado pela comunidade católica em África (por ex., uma comissão episcopal, diocese, paróquias, congregações religiosas, grupos de migrantes, etc.). Em segundo lugar, em junho de 2018, uma carta da Secção Migrantes e Refugiados foi enviada a todas as Conferências Episcopais em África solicitando informações sobre os serviços prestados por instituições e organizações católicas em África.

Um questionário simples foi aplicado para recolher informações – referentes ao ano de 2017 – sobre três diferentes grupos-alvo: refugiados e pessoas deslocadas, migrantes internos e vítimas de tráfico de seres humanos. As informações sobre cada um dos três grupos-alvo foram classificadas de acordo com os diferentes tipos de serviços que lhes eram oferecidos. O SIHMA recolheu, classificou e sistematizou dados sobre os seguintes tipos de serviços: educação, meios de subsistência, cuidados psicossociais, emergência, defesa de direitos (advocacia), cuidados de saúde e abrigo.

Foram também recolhidas informações sobre os números do pessoal e de voluntários envolvidos nas diferentes atividades, bem como informações financeiras sobre o custo total dos projetos. No total, foram recolhidos dados de diversas organizações em 29 dos 54 países africanos: Argélia, Angola, Benim, Botsuana, Burundi, Camarões, República

INTRODUÇÃO

Democrática do Congo (RDC), Djibouti, Etiópia, Gâmbia, Gana, Guiné Bissau, Costa do Marfim, Quênia, Malawi, Maurícias, Marrocos, Moçambique, Níger, Nigéria, Ruanda, Senegal, Serra Leoa, Somália, África do Sul, Sudão do Sul, Uganda, Zâmbia e Zimbábwe.

Este estudo tem algumas limitações. Em primeiro lugar, foi realizado num curto espaço de tempo e, apesar dos numerosos e repetidos pedidos, algumas Conferências Episcopais regionais e nacionais não puderam fornecer qualquer informação relevante. Em alguns casos, as informações fornecidas eram incompletas ou inexatas. Além disso, o relatório específico de cada uma das boas práticas apenas reproduz o que é comunicado pelo seu promotor, sem verificação independente, pelo que nem a Secção Migrantes e Refugiados nem o SIHMA assumem a responsabilidade pela sua exatidão; as referências a tais relatórios começam com "Fonte" (notas 27-39, 41-43). Outro desafio diz respeito à 'contagem dupla', referindo-se a casos em que os refugiados e migrantes que acedem a mais de um serviço foram duplamente contados, o que afetou os dados sobre o número total de indivíduos atendidos e resultou em excesso de contagem.

Este projeto é o primeiro de seu tipo com o objetivo de compilar, analisar e apresentar coerentemente dados sobre os serviços prestados pela Igreja Católica aos refugiados e migrantes no continente africano. No entanto, devido às suas limitações, não se pretende fornecer um quadro exaustivo do trabalho realizado pela comunidade católica em África, cuja magnitude vai muito além dos dados aqui relatados. Por isso, no futuro, a metodologia do estudo e o processo de coleta de dados serão aperfeiçoados, para proporcionar uma representação mais abrangente da Pastoral Católica das Migrações em África.

SUMÁRIO

No Evangelho de Mateus, o Senhor nos ensina a acolher o estrangeiro: "Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era estrangeiro e hospedastes-me" (Mt 25, 35); "Em verdade vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!" (Mt 25, 40).

Nos tempos contemporâneos, a migração global é um desafio que exige que a comunidade católica providencie um sistema eficaz de proteção e assistência aos refugiados e migrantes. O Papa Francisco mostra repetidamente a sua profunda compaixão por todos os que estão deslocados, convidando as pessoas a resistir à "globalização da indiferença". É disso testemunho o seu apelo a um envolvimento total: *acolher, proteger, promover e integrar* os migrantes, os refugiados e as vítimas do tráfico de seres humanos.

Através da Secção Migrantes e Refugiados do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral do Vaticano, a Igreja desenvolveu *20 Pontos de Ação Pastoral*¹. Estes vinte pontos ajudam-nos a cumprir o dever que todos partilhamos relativamente aos refugiados, quer como nação anfitriã, quer como apoiante das nações anfitriãs, ou como nação de reassentamento de países terceiros. Eles "preconizam medidas eficazes e comprovadas que no seu conjunto representam uma resposta integral aos desafios atuais. Em conformidade com o magistério do Papa Francisco, os pontos são apresentados sob quatro tópicos: *acolher, proteger, promover e integrar*"².

Em África, o papel da Igreja como defensora dos migrantes e refugiados é mais importante do que nunca, já que os que estão em movimento continuam sujeitos a abusos, exploração e violência. A comunidade ca-

¹ Secção Migrantes e Refugiados do Vaticano. 2017. *Responder aos Desafios dos Refugiados e Migrantes: 20 Pontos de Ação Pastoral*. Em < <https://migrants-refugees.va/pt/20-pontos-de-acao/>> (Consultado em 03/03/2019).

² ID., *Responder aos Desafios dos Refugiados e Migrantes. 20 Pontos de Ação para os Países Globais*.

SUMÁRIO

tólica oferece ativamente cuidados pastorais, serviços sociais, educação e apoio aos migrantes e refugiados em necessidade. O trabalho que as agências católicas (dioceses, paróquias, congregações religiosas e ONG) realizam em todo o continente africano dá esperança a milhares de refugiados e migrantes, promove a sua segurança e restaura a sua dignidade.

Este relatório visa contribuir para o debate público sobre a migração contemporânea, fornecendo estatísticas abrangentes e atualizadas sobre as ações promovidas por organizações e agências católicas para acolher, proteger, integrar e promover a autossuficiência entre refugiados e migrantes em África. Procura também destacar as boas práticas e fortalecer o diálogo e a colaboração entre as instituições católicas no continente. O relatório é detalhado, mas não exaustivo, e representa a primeira tentativa de desenvolver um banco de dados único sobre todas as atividades implementadas pelas organizações católicas para ajudar as pessoas em movimento em África.

PASTORAL DAS MIGRAÇÕES EM ÁFRICA EM 2017

As informações incluídas neste relatório foram compiladas com a colaboração de várias Conferências Episcopais e agências católicas que fornecem assistência aos refugiados, deslocados, migrantes e vítimas do tráfico de pessoas em África.

PASTORAL DOS DESLOCADOS INTERNOS, REQUERENTES DE ASILO E REFUGIADOS

Os refugiados em África são 6,3 milhões³; no entanto, este número não inclui pessoas deslocadas internamente (IDPs, na sigla em inglês), que compõem a maior parte das pessoas deslocadas. Estima-se que, em 2017, 14,5 milhões de pessoas foram deslocadas internamente como resultado de conflitos⁴. No total, em 2017, a população total de interesse para o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) em África totalizou 24,2 milhões, incluindo requerentes de asilo (509.000), apátridas (712.000), retornados (1,7 milhões) e outros (510.000)⁵.

Os países africanos que produzem o maior número de refugiados e deslocados internos são a RDC (5,1 milhões), o Sudão do Sul (4,4 milhões), a Somália (3 milhões), a Nigéria (2,6 milhões), a República Centro-Africana - RCA (1,2 milhões) e o Mali (168.000). O Uganda é o país africano que hospeda o maior número de deslocados (1,3 milhões), seguido pelo Sudão (906.600) e pela Etiópia (883.546)⁶.

A grande maioria dos governos africanos impõe uma política rigorosa de concentração em campos. A maioria dos refugiados reside em campos

³ UNHCR. 2017. *Global Report*. Em <<https://bit.ly/2lQECh1>> (Consultado em 26/02/2019).

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*

onde os serviços básicos são fornecidos pelos governos com a ajuda de agências humanitárias. Alguns países como a África do Sul, o Egito, o Uganda e a Etiópia têm políticas de não concentração em campos ou mistas (campos/ não concentração em campos) voltadas a promover meios de subsistência e autossuficiência entre os refugiados urbanos.

As últimas estatísticas divulgadas pelo ACNUR revelam que os refugiados representam 14% da população total de migrantes internacionais na África. Estes dados confirmam que a mobilidade humana na África Subsaariana é impulsionada mais por fatores económicos do que por conflitos⁷.

As instituições católicas e agências afiliadas atenderam um total de **699.488** refugiados, requerentes de asilo e deslocados internos em 2017 (ver Tabela 1 abaixo). Destes, **275.559** (39%) foram atendidos por meio de programas de emergência, **180.937** (26%) por meio de programas de educação, **111.359** (16%) por meio de projetos de meios de subsistência, **106.974** (15%) por meio de programas pastorais e psicossociais, **14.784** (2%) através de projetos de saúde, **9.977** (menos de 2%) por meio de programas de defesa de direitos, e **898** (menos de 1%) por meio de oferta de abrigo.

O custo total dos projetos foi de **€23.621.000**. O número de funcionários empregados totalizou **527** e o número de voluntários totalizou **1196**.

Tabela 1: Pastoral dos deslocados internos, requerentes de asilo e refugiados

Tipo de Programa	Número de pessoas assistidas
Educação	180.937
Meios de Subsistência	111.359
Psicossocial / Pastoral	106.974
Emergência	274.559
Defesa de direitos	9.977
Cuidados de saúde	14.784
Abrigo	898
Total	699.488

PASTORAL DOS MIGRANTES INTERNOS E INTERNACIONAIS

A África tem uma população de 1,2 bilhões de pessoas e o seu contingente de migrantes internacionais representa 2% da população total⁸. Dados de 2017 mostram que 24,7 milhões de migrantes internacionais residiam em África, e 36,1 milhões de emigrantes deixaram o continente⁹. As mulheres migrantes constituíam 47,1% e o número de crianças com menos de 18 anos representava 29,8% da população total¹⁰.

De acordo com dados da ONU, espera-se que a África represente mais de metade do crescimento populacional mundial entre 2015 e 2050. A sua população deverá duplicar até 2050, e poderá duplicar novamente até 2100¹¹. Projeta-se que a população da Nigéria, que é atualmente a sétima maior do mundo, ultrapasse a dos Estados Unidos e se torne a terceira maior do mundo pouco antes de 2050¹². De 2017 a 2050, espera-se que metade do crescimento da população mundial esteja concentrada em apenas nove países: Índia, Nigéria, RDC, Paquistão, Etiópia, República Unida da Tanzânia, Estados Unidos da América, Uganda e Indonésia¹³. Esse aumento significativo da população afetará o continente africano em primeiro lugar, uma vez que a grande maioria das pessoas do continente se desloca dentro da região¹⁴.

Em 2017, o número de migrantes internacionais em África totalizou 24,6 milhões¹⁵. Os principais países recetores em África foram a África do Sul (4 milhões) e a Costa do Marfim (2,2 milhões), enquanto o principal país

8 Migration Data Portal: The Bigger Picture. 2017. IOM's GMDAC, UNDESA. Em <[https:// bit.ly/2OBs2UM](https://bit.ly/2OBs2UM)> (Consultado em 20/03/2019).

9 *Ibid.*, 1.

10 United Nations Department of Social and Economic Affairs. 2017. *Population Division International Migration Report 2017: Highlights*. ST/ESA/SER.A/404. Nova Iorque.

11 SAIIA. 2018. 'The Containment Compact': *The EU Migration 'Crisis' and African Complicity in Migration Management*. Joanesburgo.

12 DESA, U.N. 2017. *World Urbanization Prospects, the 2017 Revision*. Population Division, Department of Economic and Social Affairs, United Nations Secretariat.

13 *Ibid.*

14 Flauhax, M. e de Hass, H. 2016. *African migration: Trends, patterns, drivers*. *Comparative Migration Studies* 4: 1: 1–25.

15 UNCTAD. 2018. *Economic Development in Africa: Report 2018. Migration for Structural Transformation*. Nova Iorque e Genebra: Nações Unidas 2018.

de origem foi o Egito (3,4 milhões)¹⁶. Os migrantes de países do norte de África, como Marrocos, Argélia e Tunísia, migram em sua maioria para a Europa (5 milhões), enquanto os migrantes do Egito e do Sudão preferem mudar-se para os Estados do Golfo (3 milhões)¹⁷.

A grande maioria dos migrantes da África permanece no continente e um grande número deles permanece na mesma região. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), em 2017, 19 milhões de africanos estavam vivendo fora de seu país de nascimento¹⁸. A maior taxa de deslocamento ocorre a partir de territórios rurais e sem acesso ao mar para zonas litorais urbanas¹⁹. Além disso, a maioria dos migrantes desloca-se para países onde eles já têm algum tipo de conexão, como familiares ou amigos²⁰.

As instituições católicas e organizações afiliadas atenderam um total de **129.265** migrantes internos e internacionais em 2017 (ver Tabela 2 abaixo). Destes, **80.566** (62%) foram atendidos por meio de programas de meios de subsistência, **21.911** (17%) por meio de programas pastorais e psicossociais, **12.321** (9%) por meio de programas de saúde, **4.918** (4%) por meio de programas de emergência, 4.717 (4%) por meio de programas de educação, **3.632** (3%) através de programas de defesa de direitos, e **1.200** (1%) através de recebimento de abrigo.

As despesas totais para os projetos elevaram-se a **€1.783.024**. O número de funcionários empregados totalizou **422**, enquanto o número de voluntários totalizou **752**.

16 UNCTAD. 2018. *Economic Development in Africa: Report 2018. Migration for Structural Transformation*. Nova Iorque e Genebra: Nações Unidas 2018. / KNOMAD. 2018. "Migration". Em < <https://bit.ly/2yp2BM5> > (Consultado em 15/10/2018).

17 Organização Internacional para a Migração. 2018. *World Migration Report 2018*. Genebra: OIM.

18 *Ibid.*, 7.

19 *Ibid.*, 5.

20 Schoumarker, B., Flahaux, M., Beauchemin, C., Schans, D., Mazzucato, V., e Sakho, P. 2018. African migration: Diversity and changes. In: Beauchemin, C. (Ed.). 2018. *Migration Between Africa and Europe*. Paris: Springer.

Tabela 2: Pastoral dos Migrantes Internos e Internacionais em África

Tipo de Programa	Número de pessoas assistidas
Educação	4.717
Meios de Subsistência	80.566
Psicossocial / Pastoral	21.911
Emergência	4.918
Defesa de direitos	3.632
Cuidados de saúde	12.321
Abrigo	1.200
Total	129.265

PASTORAL DAS VÍTIMAS DO TRÁFICO DE SERES HUMANOS

Globalmente, estima-se que pelo menos 40 milhões de pessoas estejam envolvidas em alguma forma de tráfico, incluindo tráfico para exploração sexual, trabalho forçado e outros fins (por exemplo, tráfico de órgãos)²¹. Os números aumentaram nos últimos anos, o que pode ser atribuído a "melhores capacidades nacionais para detetar, registar e relatar dados sobre vítimas de tráfico, ou a um crescimento na incidência de tráfico, isto é, que mais vítimas foram traficadas"²².

De acordo com o Gabinete das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), o tráfico para trabalho forçado é a forma mais habitualmente detetada de tráfico na África Subsaariana (63% do total) e a maioria das vítimas nesta região é composta por crianças (mais de 50% do total em 2016)²³. Estima-se que 6,25 milhões de indivíduos, 13,6% da população escravizada do mundo, sejam escravizados na África Subsaariana²⁴. Os

²¹ Gabinete da ONU sobre Drogas e Crime (UNODC). 2018. *Global Report on Trafficking in Persons*. 2018. Em <<https://bit.ly/2AzgZ5j>> (Consultado em 28/01/2019).

²² *Ibid.*, 7.

²³ *Ibid.*, 80.

²⁴ Departamento de Estado dos Estados Unidos. 2018. *Trafficking in Persons Report*. Em <<https://bit.ly/2N5tytL>> (Consultado em 28/01/2019).

migrantes africanos subsaarianos em trânsito para a Europa são traficados por contrabandistas e organizações criminosas. A Líbia é um país de destino para homens e mulheres da África Subsaariana que são traficados para fins de exploração sexual e laboral²⁵.

Os dados mostram que o tráfico é mais generalizado em regiões da África Ocidental do que no resto da África Subsaariana. Na África Austral, a maioria das vítimas de tráfico são mulheres, enquanto o recrutamento de crianças para combate armado está bem documentado em áreas propensas a conflitos na RDC e RCA²⁶.

Um total de **1.375** vítimas de tráfico foram atendidas em 2017 (ver Tabela 3 abaixo). Destas, **593** (43%) foram atendidos por instituições católicas e organizações afiliadas por meio de programas de educação, **256** (18%) por meio de programas pastorais e psicossociais, **235** (17%) através de programas de defesa de direitos, **218** (16%) por meio de programas de meios de subsistência, **37** (3%) através de programas de saúde, **23** (2%) através do recebimento de abrigo e **13** (1%) foram atendidos em situações de emergência.

As despesas totais para projetos ascenderam a **€344.183**. O número de funcionários empregados totalizou **80**, enquanto o número de voluntários totalizou **395**.

Tabela 3: Pastoral das Vítimas do Tráfico de Seres Humanos em África

Tipo de Programa	Número de pessoas assistidas
Educação	593
Meios de Subsistência	218
Psicossocial / Pastoral	256
Emergência	13
Defesa de direitos	235
Cuidados de saúde	37
Abrigo	23
Total	1.375

²⁵ *Ibid.*, 462.

²⁶ Gabinete das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC). 2018. *Global Report on Trafficking in Persons*. 2018. Em <https://bit.ly/2AzgZ5j> (Consultado em 28/01/2019).

ACOLHER: BOAS PRÁTICAS

ABRIGO BIENVENU, IRMÃS SCALABRINIANAS, ÁFRICA DO SUL²⁷

O Abrigo Bienvenu está situado em Bertrams e continua a ser o único abrigo em Johannesburgo que oferece alojamento seguro e protegido para migrantes, refugiados e mulheres deslocadas e seus filhos. O abrigo estendeu o seu serviço a nacionais provenientes de diferentes províncias que se encontram na indigência e num país com elevados níveis de xenofobia. Isto promoveu uma melhor coesão social. O Abrigo Bienvenu foi criado em 2001 pelas Irmãs Missionárias de São Carlos (Scalabrinianas), também chamadas de Irmãs Missionárias Scalabrinianas, inicialmente em parceria com o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS), as Irmãs da Sagrada Família, que doaram o edifício atual, e os Sacerdotes Missionários Combonianos. O abrigo foi criado em resposta à escalada da crise de sobrevivência das mulheres e dos seus filhos que fogem de horrores inimagináveis nos seus países de origem. A parceria contratual de financiamento com o JRS terminou em 2005, embora tenha permanecido uma forte relação de trabalho ao longo dos anos. Desde o primeiro dia da sua fundação, o Abrigo Bienvenu tem sido uma missão muito importante para as Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que dedicam as suas competências e vocação para chegar às mulheres mais necessitadas e seus filhos. Este ano, o abrigo comemorou 17 anos de existência e é um lar de acolhimento para muitas mulheres e crianças de 14 países como a RDC, Zimbabwe, Ruanda, Burundi, Nigéria, Malawi, Etiópia, Quênia, Gana, Zâmbia, Angola, Moçambique e África do Sul.

A qualquer momento, o abrigo pode acomodar 45 mulheres e crianças. Em 2017, proporcionou alojamento para 192 beneficiárias de diferentes nacionalidades. O abrigo serviu mais de 3.393 beneficiárias, tanto como residentes do Abrigo Bienvenu como através dos seus progra-

²⁷ Fonte: <http://www.bienvenushelter.org/>

mas de extensão. O abrigo visa atender às necessidades das mulheres migrantes e refugiadas e seus filhos, fornecendo-lhes alojamento, orientação e apoio, alimentação, vestuário, assistência no acesso a outros serviços, tais como cuidados básicos de saúde, documentação legal, educação e formação (propiciados tanto pelo abrigo como através de outras organizações). O abrigo também inclui um jardim de infância e serviços de babysitting/creche para as crianças dentro do abrigo e da comunidade. Como regra geral, as mulheres e seus dependentes são autorizadas a permanecer por 3 meses (as extensões são consideradas após uma avaliação das necessidades individuais), de modo que as mulheres possam procurar um emprego remunerado e reconstruir as suas vidas na África do Sul. Na sua procura de fazer parte da comunidade e promover relações positivas entre residentes e membros da vizinhança, a assistência e o apoio estendem-se aos residentes locais, sob a forma de acesso aos cuidados prestados a crianças, pacotes de comida e formação de competências (por ex., costura, panificação, manicure, pedicure, cabeleireiro, etc.).

Quando as mulheres estão prontas para sair, o abrigo continua a fornecer assistência e avaliações para melhorar as suas possibilidades de integração na comunidade local. Se as mulheres necessitarem de apoio para cuidar dos filhos para que possam trabalhar, o abrigo fornece acesso ao jardim de infância para as crianças e acesso aos serviços gratuitos de babysitting/creche por um período de até três meses. Depois disso, uma visita domiciliar é feita pelos membros da equipa para avaliar a capacidade da mãe de pagar pelos cuidados prestados às crianças.

O Abrigo Bienvenu, em cooperação com outras organizações – como o JRS, Pastoral dos Migrantes e Refugiados na Arquidiocese de Joanesburgo, a Organização de Ajuda aos Refugiados (Refugee Aid Organisation), Serviços Psicológicos da Comunidade de Sophiatown, Advogados para os Direitos Humanos, Centro de Estudos sobre Violência e Reconciliação, e outros – tem como objetivo proporcionar apoio psicológico, cuidados de saúde, cursos de língua inglesa, formação profissional, escolaridade para as crianças, e algum apoio financeiro para pequenos negócios, repatriamento, reassentamento para outros países, documentação pessoal/jurídica, e muito mais se e quando a necessidade surgir.

Em 2017, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas abriram o Centro de Formação Madre Assunta com o objetivo de proporcionar programas de formação de competências para capacitar as mulheres mais vulnerá-

veis do abrigo e da comunidade, capacitando-as para se tornarem autossuficientes. O centro de formação oferece aulas de costura, Inglês, arte e artesanato, culinária e panificação, cosmetologia, cabeleireiro e os fundamentos da operação de pequenos negócios. Durante o seu primeiro ano de funcionamento em 2017, o Centro de Formação Mãe Assunta proporcionou formação de competências a 385 mulheres.

PROGRAMA DE ACOLHIMENTO, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, MALAWI²⁸

No Malawi, o JRS acolhe famílias que fogem da perseguição na região dos Grandes Lagos da África Central, Somália e Etiópia. No Campo de Dzaleka, o JRS proporciona educação a mais de 5.400 crianças em todos os níveis, desde o pré-primário ao terciário. A escola inclui tanto cidadãos malawianos como refugiados para encorajar a integração. No nível do ensino secundário, além de administrar uma escola para aproximadamente 800 crianças, o JRS administra uma 'escola aberta' após o horário escolar. Esta iniciativa oferece educação acelerada, com módulos de autoestudo, para 117 alunos que não podem frequentar a escola secundária. Enquanto isso, a componente de educação superior do programa foi desenvolvida em colaboração com a organização Jesuit Worldwide Learning (JWL). Dzaleka é um dos primeiros lugares-piloto deste programa de ensino superior, com mais de 2.000 antigos alunos no campo.

Devido ao grande trauma que as crianças refugiadas enfrentam, o JRS concentra recursos na prestação de apoio psicossocial para as crianças matriculadas na escola. Em 2017, 789 crianças receberam apoio psicossocial sob a forma de avaliações, encaminhamentos, aconselhamento, grupos de apoio e formação psicoeducacional. São previstas visitas ao domicílio para crianças que se ausentam repetidamente da escola. O JRS recebe os alunos para garantir que eles tenham um desenvolvimento saudável em comunidade com os seus colegas.

²⁸ Fonte: <https://jrs.net/>

PROTEGER: BOAS PRÁTICAS

PROJETO MARATANE, MISSIONÁRIOS SCALABRINIANOS, MOÇAMBIQUE²⁹

Nampula, localizada no interior da província homónima, é a terceira maior cidade de Moçambique e é conhecida no país como "A Capital do Norte". Atualmente, o país vive uma forte crise política e económica devido ao alto nível de corrupção.

A Congregação Scalabriniana está presente na Arquidiocese de Nampula desde meados de outubro de 2005. Foram-lhe confiados a gestão do campo de refugiados de Maratane e o cuidado da população local: a presença dos Scalabrinianos é valorizada em termos de cooperação social, cultural e de desenvolvimento. Por isso, a Missão Scalabriniana, em colaboração com a organização sem fins lucrativos ASCS, assumiu a tarefa de acompanhar os projetos que são realizados em Maratane.

Em 2005, o Campo de Maratane foi residência para aproximadamente 6.000 refugiados, a maioria da RDC, Burundi e Ruanda. O campo foi instalado no espaço de uma antiga colónia de leprosos, dividida em quatro zonas (Maputo, Beira, Sun-City e Angoche), que por sua vez são divididas em blocos de aproximadamente 20 palhotas. A sede atual do 'Centro Comunitário' assumido pelos Scalabrinianos foi em tempos também uma das estruturas da colónia de leprosos, tendo sido construída como uma 'capela-escola' para a comunidade. O campo inclui atualmente um território de 170 quilómetros quadrados, onde vivem 10.000 pessoas (os dados não oficiais falam de 14.000 pessoas). Estima-se que 50% dos residentes são requerentes de asilo e refugiados e 50% são habitantes locais.

Os Missionários Scalabrinianos desenvolveram projetos destinados a promover a coexistência dentro do Campo de Maratane, entre os vários

²⁹ Fonte: <http://www.fondazionemilan.org/en/projects/ascs-iin-mozambique>

grupos étnicos de refugiados e a população local. Os Scalabrinianos começaram a trabalhar no campo de refugiados em 2008 num projeto de combate à desnutrição e à desnutrição infantil. No momento presente, desenvolveram quatro áreas distintas de trabalho.

LUTA CONTRA A DESNUTRIÇÃO E A DESNUTRIÇÃO INFANTIL

No país, 52% das crianças menores de 5 anos sofrem de desnutrição crónica. Isto significa que uma em cada duas crianças não tem acesso a uma dieta saudável. Por desnutrição crónica entende-se um estado nutritivo inferior ao normal, devido à escassa ingestão de alimentos ao longo do tempo. As consequências diretas disso são o atraso no desenvolvimento psicofísico, aumento da probabilidade de doença e maior risco de morte. Dentro do Campo de Maratane, foi construído um centro onde são recebidas cerca de 60 crianças por semana. As atividades realizadas incluem:

- Controle semanal de peso;
- Distribuição de leite em pó para crianças até 1 ano;
- Distribuição de uma mistura múltipla para crianças de 6 meses a um ano;
- Distribuição de lanches para crianças de 1 a 5 anos;
- Preparação do almoço com as mães das crianças e distribuição destes almoços às crianças e suas mães;
- Reuniões sobre questões de saúde materno-infantil: higiene, uso correto de alimentos para cozinhar refeições nutritivas, prevenção de doenças na gravidez e nos primeiros anos de vida de uma criança, etc.;
- Distribuição de três galinhas e um galo a algumas mães do programa, escolhidas de acordo com determinados critérios.

PROJETO AGRÍCOLA

O projeto nutricional é apoiado por uma série de atividades que ajudam as famílias e seus filhos a combater a insegurança alimentar na região através da formação em técnicas agrícolas e pecuária produtiva.

PROJETO DE RECREAÇÃO

As mulheres refugiadas que chegam ao centro diariamente trazem os seus filhos mais velhos que não podem frequentar a escola e, em vez disso, passam as manhãs sentados sob o pórtico do centro. O projeto de recreação ajuda atualmente 60 jovens com atividades recreativas, pré-escolar (para aprender a ler e escrever) e educação informal (incluindo cursos de francês, matemática, inglês e costura).

APOIO ÀS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

O projeto ajuda as mulheres refugiadas vítimas de violência. As atividades realizadas incluem:

- Apoio psicológico através de reuniões individuais e de grupo organizadas por um psicólogo em colaboração com uma enfermeira congoleza com experiência no campo;
- Cursos de formação sobre a criação de hortas de dimensão familiar para melhorar a segurança alimentar e as condições socioeconómicas das mulheres e das suas famílias

CAMPO DE DESLOCADOS INTERNOS DE GUMBO, MISSÕES SALESIANAS, SUDÃO DO SUL³⁰

No coração de Juba, a capital do Sudão do Sul, martirizada por anos de conflito, os Missionários Salesianos apoiam os deslocados oferecendo educação, abrigo, alimentação e assistência. O Padre David Tulimelli é o pároco da Paróquia Salesiana de São Vicente de Paulo que opera em Dom Bosco Gumbo. Ele tem sido uma testemunha dos problemas do jovem país e foi elogiado pelos seus esforços para ajudar aqueles que foram deslocados internamente pelo conflito em curso no Sudão do Sul. Alimentou 4.000 pessoas enquanto a crise de refugiados do país se intensificava. A presença salesiana em Juba é bastante grande. Um dos principais centros da região é o campo para aqueles que foram deslocados internamente, que também recebeu refugiados durante a guerra em 2013 e depois, com o prosseguimento do conflito.

³⁰ Fonte: <https://bit.ly/2NNFoti>

No início, os Missionários Salesianos relatam que havia cerca de 4.000 pessoas no campo. Em 2017, havia mais de 12.000, a grande maioria dos quais eram mulheres e crianças.

Perto do acampamento, há uma creche para 1.000 crianças. Dentro do complexo, há uma outra escola dirigida pelas Filhas de Maria Auxiliadora com 1.100 crianças que vêm das aldeias vizinhas. O ACNUR constatou que cerca de 2 milhões de pessoas estão deslocadas no Sudão do Sul, e perto de mais 2 milhões fugiram em busca de segurança e abrigo nos países vizinhos. Muitos dos que fogem do Sudão do Sul são mulheres e crianças. Dentre elas, estão sobreviventes de ataques violentos e agressões sexuais, crianças que foram separadas dos pais ou que viajaram sozinhas, deficientes, idosos e pessoas que necessitam de cuidados médicos urgentes. Estima-se que 7,5 milhões de pessoas necessitam de ajuda humanitária urgente. Além do campo dentro de Juba, os missionários salesianos educam 3.900 alunos do ensino fundamental em dois turnos diários. Outra escola dirigida pelas Irmãs Salesianas tem 350 alunos e uma escola técnica salesiana tem 300 estudantes. As Irmãs da Caridade de Jesus também dirigem um dispensário médico, que reduziu muito a mortalidade infantil. Na área, as religiosas oferecem cursos de horticultura para jovens mães. Um oratório salesiano acolhe cerca de 500 crianças e três escolas salesianas periféricas têm 450, 600 e 800 estudantes respectivamente. O Pe. George Kainikunnel, que passou a maior parte da sua vida e de seu ministério no Sudão, está agora encarregado do projeto, sendo uma presença de apoio e um ponto de referência em situações de tensão e conflito que podem surgir entre os deslocados internos, especialmente por causa do tribalismo entre os diferentes grupos étnicos representados, incluindo os Dinka (o grupo dominante), os Acholi, e muitos outros.

Os Missionários Salesianos de Dom Bosco Gumbo e de todo o Sudão do Sul continuam avaliando a situação e estão ativos nas suas redes ao redor do mundo para obter ajuda humanitária adicional. Eles continuam os seus programas de desenvolvimento educacional e social em comunidades em todo o país, respondendo também à crise humanitária em curso, fornecendo educação, serviços de desenvolvimento social, programas de nutrição e clínicas de saúde para jovens pobres e suas famílias no Sudão do Sul.

PROMOVER: BOAS PRÁTICAS

CAMPO DE REFUGIADOS TONGOGARA, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, MISEAN CARA, ZIMBABWE³¹

No Zimbábwe, o JRS concentra-se em educação, serviços de aconselhamento e formação em meios de subsistência no Campo Tongogara. Em parceria com a Miseen Cara, o JRS oferece cursos de formação em meios de subsistência em carpintaria, soldadura, reparação de refrigeração, trabalho em eletricidade de automóveis, reparação de motores mecânicos, detergentes e instalação elétrica. Mais de 150 refugiados e requerentes de asilo receberam formação e kits de microempresa para iniciarem os seus próprios negócios, contribuir para as suas comunidades e apoiarem as suas famílias. Ao reforçar a capacidade dos refugiados e requerentes de asilo, o JRS promove a sua independência financeira e defende a sua dignidade.

ECONOMIA RESILIENTE E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA, IGREJA CATÓLICA ETÍOPE (ECC-SDCO), ETIÓPIA³²

O projeto Economia Resiliente e Meios de Subsistência (REAL) é implementado por um consórcio de ONG internacionais e nacionais (IDE, Caritas Bélgica, Amref Health Africa, SOS Sahel Etiópia, ECC-SDCO) e as instituições de Microfinanças OMO. O Projeto REAL baseia-se nos resultados e realizações de projetos anteriores e visa assegurar que as famílias de pequenos agricultores não regressem à miséria e à fome. Melhora a resiliência e a capacidade para lidar com futuros choques através do aumento

³¹ Fonte: <https://jrs.net/country/zimbabwe/>

³² Fonte: <https://www.caritas.org/where-caritas-work/africa/ethiopia/>

da produtividade agrícola e do aumento dos rendimentos. Ao lidar com esses problemas inter-relacionados, este projeto aumenta a resiliência dos pequenos agricultores pobres por meio do aumento da produção agrícola e dos rendimentos. Isto é feito através da promoção de medidas que aumentem a produtividade dos sistemas de produção agrícola e pecuária e conservem os recursos naturais que são essenciais para a segurança alimentar. Acredita-se que meios de subsistência mais produtivos promovem a estabilidade e reduzem a migração nas áreas-alvo, permitindo aos agricultores obter um rendimento viável a partir das suas terras.

Este projeto é coerente com os objetivos estratégicos de projetos anteriores na medida em que contribui para os seguintes objetivos principais:

1. Abordar as causas profundas da migração e do deslocamento irregular através da promoção de medidas que visam:
 - a. Criar oportunidades de emprego novas e alternativas fora da agricultura;
 - b. Melhorar o acesso garantido e igualitário a terras comunais para jovens sem-terra;
 - c. Melhorar os conhecimentos e as competências técnicas dos jovens através da formação profissional, de modo a assegurar postos de trabalho nos setores secundário e terciário;
 - d. Fomentar novas visões e atividades de negócios através do investimento em desenvolvimento de capacidade humana e institucional de instituições comunitárias e governamentais.
2. Reforçar a resiliência a longo prazo e reforçar as oportunidades económicas através da promoção de medidas que buscam:
 - a. Melhorar o conhecimento e o acesso aos serviços sociais básicos integrados;
 - b. Melhorar os rendimentos agrícolas através do investimento na melhoria da produtividade e da competitividade do setor;
 - c. Diversificar as opções de meios de subsistência, investindo em oportunidades geradoras de rendimentos a partir do que é produzido na agricultura e em atividades não agrícolas;
 - d. Melhorar a capacidade local de gestão de riscos para lidar com crises climáticas e choques externos.

O projeto trabalha com um total de 25.000 agregados familiares, em três grupos-alvo: 14.325 agregados com insegurança alimentar cróni-

ca, 8.125 agregados que enfrentam insegurança alimentar transitória, e 2.550 agricultores com maior potencial, mais abastados, cuja capacidade produtiva pode ser maximizada através do leque de intervenções propostas. Estes grupos são apoiados pelas seguintes iniciativas:

- a. Diversificar a sua fonte de rendimento através de atividades alternativas tanto na exploração agrícola como fora dela, tais como apicultura, criação e engorda de ovelhas e cabras, e criação de aves;
- b. Melhorar o acesso aos suprimentos, tecnologias e serviços de mercado necessários para incrementar a produtividade;
- c. Reduzir o impacto das chuvas irregulares, introduzindo e promovendo tecnologias e práticas de irrigação adequadas e de baixo custo;
- d. Promover a utilização sustentável da água e as práticas de conservação/reabilitação dos solos;
- e. Fortalecer grupos e cooperativas de agricultores;
- f. Melhorar a saúde e a nutrição;
- g. Implementar sistemas de alerta precoce e estratégias de redução dos riscos de catástrofes.

EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS EM ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS DE PALABEK, MISSÕES SALESIANAS, UGANDA³³

O Uganda acolhe cerca de 1,3 milhões de refugiados, a maioria dos quais provenientes do Sudão do Sul. Outros fogem da RDC, Eritreia, Somália, Burundi e vários outros países. Os Missionários Salesianos proporcionam iniciativas pastorais, sociais e educativas aos refugiados que vivem no Assentamento de Refugiados de Palabek, no norte de Uganda.

O Assentamento de Refugiados de Palabek é atualmente o local de residência de 42.000 pessoas, com uma média de 300 novos refugiados do Sudão do Sul chegando a cada semana. Foi oficialmente estabelecido em abril de 2016 para reduzir o congestionamento em grandes campos de refugiados no canto noroeste do Uganda.

³³ Fonte: <https://bit.ly/2PhU0o3>

Várias agências estão envolvidas no fornecimento de alimentos e educação em Palabek. Os Missionários Salesianos oferecem o tão necessário apoio psicossocial e pastoral para milhares de cristãos residentes. Eles também operam quatro creches que atendem mais de 1.000 crianças. Além disso, mais de 700 crianças frequentam as escolas primárias e secundárias salesianas e mais de 700 famílias são apoiadas por várias outras iniciativas.

Atualmente, os Missionários Salesianos estão em processo de construção de um centro de formação profissional/técnica com a intenção de oferecer competências para a vida e outras formações para ajudar os jovens a prepararem-se para o emprego. Há sete Missionários Salesianos a trabalhar no assentamento: dois da RDC, um do Congo Brazzaville, três da Índia e um da Venezuela. Um visitante recente forneceu alguma compreensão sobre o trabalho que está sendo conduzido no campo: "O trabalho feito pelos Salesianos é uma tarefa eminentemente pastoral. Há onze capelas no campo onde a Missa é celebrada e se oferece formação aos jovens e famílias".

O Padre Lazar Arasu, missionário salesiano que supervisiona o trabalho em Palabek, observou que além de Palabek, outros grandes campos estão situados nos distritos do Noroeste de Arua, Yumbe, Adjumani e Moyo, e cada um recebe centenas de milhares de refugiados.

Os Missionários Salesianos chegaram ao Assentamento de Palabek em junho de 2017. No início, a precariedade da situação obrigou-os a viverem em palhotas com os refugiados, mas pouco a pouco construíram moradias simples, saneamento e instalações de água potável, pequenas estruturas para reuniões, e várias capelas e escolas para crianças.

Segundo a UNICEF, cerca de 67% dos ugandeses são pobres ou altamente vulneráveis à pobreza. Enquanto o país tem registado algum crescimento económico, bem como a melhoria da sua classificação do Índice de Desenvolvimento Humano nos últimos 20 anos, o Uganda ainda está na parte inferior, em 163 de entre 188 países. Depois de décadas de guerra que deixaram muitos desalojados, o povo de Uganda enfrenta desafios significativos enquanto trabalha para reconstruir o seu país. A taxa de alfabetização no Uganda melhorou, com 73% da população alfabetizada; no entanto, apenas 23% dos ugandeses adquirem uma educação secundária. Um dos maiores desafios do país é combater a grave incidência de HIV/SIDA, que deixou milhões de crianças órfãs.

EDUCAÇÃO JUVENIL E SERVIÇOS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, VICARIATO APOSTÓLICO DE GAMBELLA, ETIÓPIA³⁴

Com a preciosa ajuda dos Padres Salesianos, a Igreja local de Pugnido, na Etiópia, oferece vários programas e serviços para ajudar aqueles que vivem na pobreza a satisfazer as suas necessidades básicas, obter uma educação e aprender competências para o mercado de trabalho. A zelosa atuação do Bispo D. Ângelo Moreschi, SDB, que envolveu a Congregação de Dom Bosco na pastoral tanto dos habitantes locais como dos refugiados, tem sido frutífera. Dentro do Campo de Refugiados de Pugnido, o mais antigo da região de Gambella, na Etiópia Ocidental, os jovens pobres e as suas famílias recebem serviços de educação e desenvolvimento social. A Missa católica da missão aos domingos e a catequese são bem frequentadas, assim como os momentos de culto noturnos diários. Cerca de 200 crianças frequentam o jardim de infância salesiano. Graças ao fornecimento do pequeno-almoço e almoço, muitas crianças frequentam a escola e aprendem a leitura, escritura e aritmética. Mais importante ainda, o programa de alimentação evita a desnutrição, que afeta muitas das crianças do país.

Há também 65 estudantes, meninos e meninas, que fazem uso do albergue salesiano enquanto frequentam o ensino médio público. Os Missionários Salesianos iniciaram atividades para manter os jovens engajados e ocupados depois da escola, incluindo tempos de estudo à tarde e cursos de informática e costura. São também organizados torneios de futebol e vôlei e uma nova quadra de basquete onde muitos jovens jogam todas as tardes. A instalação de uma nova fonte de água serve tanto aos jovens do albergue como às crianças do jardim de infância da manhã.

O Padre Filippo Perin, que trabalha na missão salesiana em Pugnido, diz que a situação atual oferece muitos motivos de esperança, mas também muitas dificuldades. Ele observa:

Embora recentemente a situação aqui na Etiópia tenha melhorado, há muitos refugiados que continuam a chegar do vizinho Sudão do Sul em busca de assistência nos campos de refugiados na região de Gambella, porque

34 Fonte: Mission Newswire <https://bit.ly/2R78Gno>

na sua terra natal não cultivaram nada na estação das chuvas e agora na estação seca não têm nada para comer. Atualmente, a situação é tal que na região de Gambella há mais refugiados do que habitantes nativos.

A missão salesiana em Pugnido inclui também dez comunidades locais fora da sede e algumas capelas no campo de refugiados que fornecem assistência, educação, cuidados pastorais e serviços de desenvolvimento social. O objetivo é assegurar que os jovens tenham as suas necessidades mais básicas atendidas, para que se possam concentrar nos estudos e obter as competências necessárias para encontrar e manter um emprego estável.

Desde 2006, a missão de Pugnido desenvolveu-se para melhor atender às necessidades da crescente população de refugiados e daqueles que vivem na área circundante. O campo abriga cerca de 60 mil refugiados, a maioria dos quais está a escapar da violência e do conflito no Sudão do Sul.

A colaboração dos Padres Salesianos com o sacerdote local permite a progressiva transferência das atividades à Diocese, para que o cuidado pastoral dos migrantes e refugiados seja integrado com a pastoral das comunidades locais.

EDUCAÇÃO E APOIO PSICOSSOCIAL AOS REFUGIADOS SOMALIANOS, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, ETIÓPIA³⁵

"Uma pessoa educada sabe como proteger seus filhos", diz Habibo, uma mãe de oito filhos que vive em Melkadida, um dos cinco campos de refugiados localizados na região da fronteira sudeste da Etiópia. Como a maioria dos refugiados que vive nestes campos, ela vem de uma área da Somália que está em grande parte sob o controle de um grupo militante islâmico. Desde 2017, Habibo tem frequentado o programa de alfabetização para adultos do JRS, o que lhe permitiu aprender a ler e escrever em inglês e somali e matemática básica. Habibo diz que a educação tam-

³⁵ Fonte: <https://bit.ly/2yyibF7>

bém a tornou consciente dos seus direitos e dos direitos de seus filhos. De fato, Habibo costumava ter um relacionamento difícil com os seus filhos, especialmente as suas quatro filhas, porque ela não considerava que estas jovens tivessem direitos. "Antes, eu pensava que as meninas deveriam casar-se quando alcançassem a puberdade. Eu não achava que a educação fosse importante para as meninas". Habibo é agora a mais forte aliada e defensora das suas filhas, determinada a protegê-las do casamento forçado e da tradição da mutilação genital feminina. Habibo também é membro do conselho dos anciãos refugiados na sua área, onde ela defende os direitos das mulheres. Ela espera continuar a sua escolarização e talvez até começar o seu próprio negócio um dia.

EDUCAÇÃO E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA EM CAMPOS DE REFUGIADOS CONGOLESES, SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS, RDC³⁶

O JRS deu continuidade à sua missão na província cronicamente instável do Kivu do Norte, no leste da RDC, apesar da decisão do governo de fechar abruptamente vários campos, o que forçou a transferência de numerosos deslocados internos, incluindo aqueles que vivem em quatro campos onde o JRS havia estabelecido projetos. O trabalho do JRS também foi afetado pelo aumento da incerteza política devido às eleições presidenciais que foram, entretanto, adiadas. Apesar desses contratemplos, o JRS ofereceu serviços educacionais, psicossociais e de meios de subsistência em vários campos em Goma, Masisi e Mweeso. O apoio à educação foi amplo: subsidiar propinas escolares para estudantes muito vulneráveis, formação de professores, distribuição de kits escolares, construção de escolas e ajuda a estudantes do último ano a prepararem-se para o exame final nacional. O JRS também ofereceu aconselhamento e ajudou a resolver problemas sociais dentro da comunidade. Aqueles que estavam em situações de extrema vulnerabilidade foram ajudados a melhorar as suas condições de vida com a reparação ou construção de abrigos e a distribuição de alimentos, kits de higiene e outros itens essenciais.

Uma beneficiária da assistência disse o seguinte:

³⁶ Fonte: <https://jrs.net/country/democratic-republic-of-congo/>

*Desde 2008, fui deslocado para o campo de Lushebe-
re com a minha família. Deixámos os nossos campos
e o nosso gado. O meu pai partiu e nunca mais vol-
tou. A minha mãe, durante todo este tempo, estava a
trabalhar nos campos com a população local e não
conseguiu satisfazer as nossas necessidades básicas.
Os meus irmãos mais novos e eu começámos a ter
problemas de saúde, e um dos meus irmãozinhos mor-
reu depois de estar doente durante um longo período.
Sendo eu a filha mais velha, tive de ajudar a minha
mãe a encontrar algo para comer. Ia com ela para os
campos, mas isso já não resultava em qualquer ren-
dimento adicional. Comecei a prostituir-me. Tive um
filho, a identidade do pai é desconhecida para mim;
o filho que eu tenho nas costas é o meu segundo, e o
seu pai também nos abandonou. Há dois ou três anos,
comecei a beneficiar do apoio do JRS que organizou
sessões de conscientização sobre gestações precoces
e sobre higiene pessoal. Eles também nos dão kits de
higiene. Antes disso, usei o método “tradicional” para
o cuidado pessoal, mas sempre costumava ter infe-
ções. E há mais: graças ao JRS, a minha mãe aprendeu
um ofício, cesteira, e meu irmão pode estudar.*

PROJETO DE MEIOS DE SUBSISTÊNCIA, CENTRO SCALABRINIANO DA CIDADE DO CABO, ÁFRICA DO SUL³⁷

O Projeto de Meios de Subsistência do Centro Scalabriniano da Cidade do Cabo serve migrantes, refugiados, requerentes de asilo e sul-africanos, e abrange três programas: Escola de Inglês (EI), Programa de Acesso ao Emprego (PAE) e Plataforma Feminina (PF). O EI oferece aulas de idiomas especificamente concebidas para refletir o contexto dos migrantes na África do Sul; o PAE ajuda as pessoas que estão à procura de trabalho através de uma combinação de treinamento de competên-

³⁷ Fonte: www.scalabrini.org.za

PROMOVER: BOAS PRÁTICAS

cias e programas de desenvolvimento profissional; e o PF é uma rede multinacional de mulheres que reforça a independência económica e a integração na comunidade em geral.

Os objetivos do projeto são:

- Proporcionar uma escola de inglês especializada que estimule habilidades de comunicação em inglês para facilitar a integração socioeconómica e o bem-estar dos requerentes de asilo, refugiados, migrantes e sul-africanos;
- Fornecer aos beneficiários os recursos e o apoio necessários para candidaturas de emprego bem-sucedidas e facilitar a formação em competências necessárias para encontrar emprego;
- Desenvolver uma rede multiétnica que sirva de plataforma para as mulheres acederem e compartilharem recursos para o desenvolvimento pessoal, de competências e de negócios.

O PAE inclui um Serviço de Informação de Emprego que fornece recursos para a procura de emprego, tais como assistência com currículos e aplicações, serviços de telefone/fax/informática gratuitos, acesso a anúncios de emprego disponíveis e encaminhamentos para o desenvolvimento de novas competências, tanto internamente como através de centros parceiros. O projeto também fornece uma plataforma de rede, sessões de informação específicas do setor, e um serviço individualizado de colocação profissional. A Secretaria de Profissionais Estrangeiros apoia profissionais qualificados na obtenção do reconhecimento das suas qualificações estrangeiras (SAQA). A PF inclui um Programa de Desenvolvimento Pessoal, que fornece aos membros novas e relevantes informações e recursos para aumentar a sua agilidade e resiliência, capacidade geral de integração na Cidade do Cabo e acesso a oportunidades económicas. O Programa de Sustentabilidade Financeira e Desenvolvimento Empresarial da PF identifica os participantes da plataforma para facilitar a formação por pares nas suas áreas de especialização nos setores de artesanato, beleza, cuidado de crianças e da hospitalidade. Algumas mulheres selecionadas também podem receber apoio financeiro e orientação contínua para iniciar ou desenvolver um pequeno negócio.

CRITÉRIOS PRESENTES: EFICIENTE, EFICAZ, NOVO SERVIÇO, NOVA ESTRUTURA/PARADIGMA, NOVA ABORDAGEM DE DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS, TRANSFORMA O PROBLEMA, SUSTENTÁVEL, REFORÇA A JUSTIÇA SOCIAL, ALAVANCA O CAPITAL SOCIAL

Todos estes programas são sustentáveis no sentido de que permitem que os beneficiários se tornem autossuficientes numa variedade de setores. Em particular, a PF é um novo programa para o Centro, que foi concebido após um processo de consulta de 6 meses com um grupo de cerca de 50 beneficiárias. Este processo, assim como a própria rede e a formação conduzida pelos pares, alavanca, portanto, o capital social. A pesquisa indicou que os beneficiários que acedem a mais serviços do PAE aumentam as suas possibilidades de sucesso na obtenção de trabalho. Além disso, o PAE criou o Programa de Apoio à Graduação, que oferece aos beneficiários apoio individualizado na colocação profissional.

VALORES CARACTERÍSTICOS: DIGNIDADE HUMANA, BEM COMUM, DIGNIDADE DO TRABALHO, SUBSIDIARIEDADE

A dignidade do trabalho é reforçada pelo foco que ambos os programas colocam na capacitação individual e na sustentabilidade financeira. O bem comum é claramente refletido na PF como uma rede que trabalha para apoiar os seus membros através da partilha de conhecimento, oportunidades e recursos para o benefício de todos. A subsidiariedade é valorizada também através do aspeto de facilitação por meio dos parceiros da PF, que utiliza a experiência da comunidade de mulheres para melhorar o desenvolvimento pessoal, empresarial e de competências de cada membro.

Os programas no âmbito do Projeto de Meios de Subsistência atendem 1.500 pessoas anualmente e fornecem suporte contínuo a muitos dos seus beneficiários. Em particular, o Programa de Apoio à Graduação auxiliou 72 beneficiários de janeiro de 2016 a janeiro de 2017, com 88% declarando a obtenção de um rendimento após as suas sessões e 100% realizando pelo menos uma entrevista.

INTEGRAR: BOAS PRÁTICAS

BOAS PRÁTICAS PARA A INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES E REFUGIADOS, CEPAMI, ANGOLA³⁸

Um dos serviços proféticos da Igreja Católica em Angola é a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, que se espalha por todas as dioceses do país. Numerosos agentes pastorais dedicam-se, gratuitamente, a receber e acolher migrantes e refugiados e a sensibilizar a sociedade angolana para as questões relacionadas com a migração.

A Comissão Episcopal para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes de Angola e São Tomé (CEPAMI) foi fundada em 31 de outubro de 2006 pela Conferência Episcopal de Angola e São Tomé (CEAST) com a finalidade de organizar diversos serviços pastorais a favor das pessoas em movimento. Atua nas comunidades locais através dos setores específicos da Pastoral para os Refugiados, Apostolado do Mar (marinheiros, pescadores e suas famílias), Pastoral da Aviação Civil (aerportos), Pastoral para Nômadas, Pastoral do Turismo (turistas, peregrinos e santuários) e Pastoral da Estrada e Comunidades Migrantes. Assegura o acompanhamento pastoral e a execução de ações de acolhimento de milhares de repatriados que regressam a Angola vindos da RDC, da Zâmbia e da Namíbia, bem como de refugiados, requerentes de asilo, migrantes de diferentes nacionalidades, e pessoas deslocadas internamente, reintegrando-as nas comunidades locais.

Em Angola, os migrantes representam uma parte significativa da população trabalhadora residente e, portanto, é essencial racionalizar os processos de integração social que visam proporcionar aos trabalhadores estrangeiros acesso ao mercado de trabalho formal e regimes de proteção associados. De acordo com Juan Somavía, ex-Diretor-Geral da Organização Internacional do Trabalho, “os migrantes representam um ativo

³⁸ Fonte: <https://bit.ly/2JxjuMG>

em cada país onde trabalham. Devemos tratá-los com a dignidade que eles merecem como seres humanos e com o respeito que lhes é devido como trabalhadores". Em Angola, há migrantes com competências diferentes que contribuem substancialmente para a produtividade e o crescimento da nação. Os trabalhadores altamente qualificados ajudam a manter a competitividade da economia do país. Ao mesmo tempo, existem milhares de trabalhadores menos qualificados em Angola, muitos dos quais se encontram em situação irregular, preenchendo empregos de elevada procura nos setores da agricultura e construção.

A migração generalizada em Angola também resulta em práticas ilegais como o tráfico de seres humanos ou outras atividades criminosas que são definidas como tal pelas normas internacionais e nacionais. Estas envolvem principalmente mulheres e crianças e incluem formas graves de exploração, fraude, coerção e violência. As vítimas de tráfico são particularmente vulneráveis a situações de exploração no trabalho devido à sua incapacidade de falar a língua local e ao seu estado irregular no país.

A integração dos migrantes na sociedade é um processo complexo, que requer uma intensa comunicação e cooperação entre os vários atores, incluindo migrantes, governo, instituições e comunidades locais. Exige também um esforço pessoal de ajustamento e um ajustamento recíproco entre as populações migrantes e a sociedade de acolhimento. No caso de Angola, há uma série de obstáculos que os refugiados e os migrantes enfrentam, particularmente no que se refere à sua situação jurídica e às dificuldades de entrada no mercado de trabalho. Todas estas questões podem dificultar o processo de integração. Em muitos casos, devido a obstáculos burocráticos e a custos elevados, os migrantes e os refugiados não podem obter a documentação necessária para a inscrição em cursos de formação profissional, ou são incapazes de ter as suas qualificações estrangeiras avaliadas porque não possuem conhecimentos suficientes da língua portuguesa. O acesso à formação profissional, bem como a aprender a falar, ler e escrever em português, são os maiores desafios para a integração social para os migrantes e refugiados que chegam a Angola.

À luz de todas estas questões, a Pastoral para os Migrantes e Itinerantes desenvolveu um conjunto de programas formativos e de formação vocacional baseados nas necessidades dos retornados e refugiados. Isto foi possível graças a uma parceria com outras organizações nacionais e internacionais e à solidariedade dos agentes pastorais que facilitam o

processo de integração das pessoas em situações vulneráveis. Foram desenvolvidos projetos em diferentes locais, como Cabinda, onde mais de 150 mulheres repatriadas frequentaram cursos de medicina natural, crescimento pessoal, formação religiosa, comunicação não-violenta, gestão de pequenos negócios, culinária, confeitaria e decoração. Muitas foram capazes de iniciar os seus pequenos negócios, ajudando as suas famílias e melhorando a sua qualidade de vida e saúde.

Em Caxito, foram oferecidas aulas de língua portuguesa a diferentes grupos; mais de 200 retornados beneficiaram de formação de idiomas. Nas cidades de Luena e Menongue, a formação incluiu aulas de língua portuguesa, bem como formação pessoal e religiosa. Em Menongue, foram realizadas aulas no Centro de Acolhimento Kavicvic tendo nelas participado 80 crianças e 27 adultos, todos repatriados. Em Luena, havia 45 adultos retornados a participar.

Alguns voluntários da Pastoral das Migrações de Kwito Bié organizaram aulas de língua portuguesa para retornados e migrantes vietnamitas, ajudaram-nos a obter documentação e compraram sementes para plantação para mais de 30 famílias, promovendo a integração comunitária e a segurança alimentar. Na cidade de Uíge, foram implementados programas de formação com retornados. Os cursos de língua portuguesa contaram com mais de 700 pessoas e o programa de microcrédito atendeu mais de 200 pessoas. Nesta província, as atividades são realizadas em parceria com a Cáritas, que desenvolveu programas agrícolas e aulas de alfabetização para retornados e programas pós-escolares para crianças. Os participantes destes cursos não são apenas católicos, mas também pentecostais e não cristãos.

Em outros locais, são também implementadas atividades como visitas ao domicílio, programas culturais e Missas em inglês, francês, lingala e vietnamita. Em todas as províncias, os líderes comunitários são formados para ajudar os migrantes a integrarem-se na sociedade. Outras atividades são realizadas de acordo com os objetivos de cada setor da CEPAMI, a fim de criar redes de apoio aos migrantes e refugiados que vivem em Angola. É necessário continuar a desenvolver ações e programas conjuntos para melhorar a integração efetiva das pessoas em movimento, promover a sua dignidade, melhorar o seu acesso ao mercado de trabalho e prestar assistência às suas famílias.

PROJETO DE MEIOS DE SUBSISTÊNCIA DE REFUGIADOS NO ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS DE MANTAMPALA, CÁRITAS MANSA, ZÂMBIA³⁹

A Zâmbia recebeu um fluxo de refugiados em 2017 e mais refugiados entraram no país a partir de janeiro de 2018. Em junho de 2018, o número de requerentes de asilo aumentou para mais de 22.000 e 10.300 foram desde então levados para um local permanente no Assentamento de Refugiados de Mantapala. Prevê-se que este número continue a aumentar devido à volatilidade incessante na RDC. O número estimado de refugiados que deve chegar à Zâmbia até o final de 2018 é de 37.300, o que inclui tanto os recém-chegados como os recém-reconhecidos (mas não aqueles com um estatuto previamente concedido)⁴⁰. Os dois campos são geridos pelo ACNUR, havendo diversas organizações que intervêm para satisfazer diferentes necessidades identificadas.

Em 20 de julho de 2018, a Diocese de Mansa respondeu à crise dos refugiados congolese no distrito de Nchelenge, na província de Luapula, lançando oficialmente um projeto de um ano para aliviar o sofrimento dos refugiados congolese no Assentamento de Refugiados de Mantapala. Este projeto foi apoiado por fundos do Vaticano. O "Projeto de Apoio a Suprimentos Rotativos de Agricultores Refugiados para o Desenvolvimento da Cadeia de Valor" fará com que os refugiados tenham as suas vidas significativamente melhoradas e sustentavelmente transformadas através de uma melhor produção e produtividade agrícola, melhor resiliência aos choques e catástrofes económicas e o incremento da comercialização de produtos agrícolas e não agrícolas.

O projeto será implementado pela Cáritas Mansa, departamento de desenvolvimento da Diocese de Mansa, que tem uma longa e forte história de trabalho em projetos de meios de subsistência com diversas comunidades. As atividades do projeto resultarão em refugiados empenhados na produção de culturas sustentáveis e meios de subsistência alternativos, tendo acesso ao conhecimento empresarial e a crédito para o desenvolvimento de microempresas, e a mercados viáveis para

³⁹ Fonte: <https://bit.ly/2TXmqWG>

⁴⁰ ACNUR Global Focus, sumários sobre refugiados, janeiro de 2018.

agro-produtos e produtos não agrícolas. As atividades que produzirão os resultados acima declarados na vida dos refugiados incluem:

- Promover a eleição de 2 refugiados voluntários de cada um dos 12 grupos de agricultores refugiados a serem treinados como Líderes Agricultores;
- Formar os Líderes Agricultores em metodologias agroecológicas (resistentes ao clima) e outras competências de extensão básica relevantes;
- Promover práticas agrícolas agroecológicas (resistentes ao clima) entre os refugiados através de várias abordagens de formação de competências, incluindo a abordagem da Escola de Campo do Agricultor (FFS) e locais de demonstração;
- Apoiar os refugiados com suprimentos para arranque da produção agrícola;
- Promover tecnologias de irrigação simples no assentamento de refugiados para garantir a produção de culturas durante todo o ano;
- Realizar formações em seleção de sementes e multiplicação de sementes locais adaptáveis às condições ambientais locais;
- Realizar tutoria trimestral para dinamizadores de refugiados (Líderes Agricultores) quanto à facilitação de serviços básicos de extensão para os colegas agricultores refugiados;
- Apoiar os refugiados com recursos renováveis no estabelecimento de outras atividades alternativas de subsistência, incluindo a criação de pequenos animais, a apicultura e a piscicultura;
- Promover o processamento, preservação e adição de valor de alimentos para algumas culturas de rendimento, como girassol, amendoim e soja;
- Facilitar sistemas de poupança e de concessão de empréstimos entre a comunidade de refugiados, a fim de capacitá-los a diversificar a sua atividade para outros pequenos negócios;
- Realizar formação em empreendedorismo para refugiados;
- Apoiar os agricultores refugiados no estabelecimento de ligações práticas de mercado entre compradores institucionais e cadeias empresariais estabelecidas, e promover sistemas inovadores de informação dos preços, incluindo a utilização de telefones celulares para comercialização;
- Apoiar os agricultores refugiados para aumentarem a produção dos seus produtos para um melhor poder de negociação no mercado.

Todas as atividades do projeto serão implementadas no prazo de 12 meses, até junho de 2019; mas, devido ao sistema de apoio renovável, a maior parte das atividades continuará para além da vida útil do projeto. Tal permitirá que mais refugiados, para além dos beneficiários iniciais, usufruam do projeto.

O lançamento oficial do projeto foi agraciado pela presença do Comissário Distrital de Nchelenge, Sr. Mwelwa Derrick. Também no lançamento estava a liderança Kanyembo do povo Lunda de Mwata Kazembe, em cujo território está localizado o assentamento de refugiados.

PROJETO DE INTEGRAÇÃO, SERVIÇO JESUÍTA PARA REFUGIADOS, ÁFRICA DO SUL⁴¹

Na África do Sul, os programas do JRS incluem cuidados de saúde ao domicílio, apoio educacional, formação em meios de subsistência e cuidados pastorais. A equipa de cuidados pastorais desenvolveu um programa para os idosos intitulado "A velhice é um tempo de graça", que se reúne semanalmente. Este programa dinâmico envolve os participantes numa variedade de atividades, tais como yoga, reflexões, seminários e passeios ocasionais para locais ao redor de Joanesburgo, a fim de estimular os idosos física e mentalmente, reduzir o stress e solidão, e criar confiança. O grupo, que inclui tanto cidadãos sul-africanos como refugiados e requerentes de asilo, constrói os laços da comunidade e serve como uma plataforma para a integração autêntica entre os participantes.

O Centro de Mulheres Arrupe, em Joanesburgo, promove a integração social através de cursos de meios de subsistência para mulheres refugiadas e das comunidades locais. De três em três meses, o Centro Arrupe levou uma média de 120 mulheres em Joanesburgo e 30 mulheres em Pretória a participar em cursos de informática, cabeleireiro, cosmetologia, panificação, costura e inglês. Depois de três meses, o JRS forneceu às mulheres as ferramentas necessárias para iniciarem o seu próprio negócio, acompanhou o seu progresso, e ofereceu suporte por meio ano, para as ajudar a começar numa economia desafiadora. Foi dada preferência às mulheres vulneráveis, tais como sobreviventes de violência sexual e de género e outros traumas.

⁴¹ Fonte: <https://jrs.net/country/south-africa/>

PROJETO NASCER DO SOL, MISSÕES SALESIANAS, EGITO⁴²

Através do Projeto Nascer do Sol, 400 refugiados e egípcios vulneráveis estão a receber apoio e 80 graduados do programa foram convidados a participar numa formação aprofundada de financiamento de capitais de arranque. Estes graduados apresentaram planos de projeto empresarial à equipa do Nascer do Sol que optou por financiar cerca de 40 projetos. Alguns beneficiários selecionados, como o Abkar, receberam US\$ 500 e seis meses de orientação para lançarem os seus negócios.

"A formação técnica e o programa de financiamento de capitais de arranque permitiram que muitos participantes aumentassem o seu nível de capacitação e lançassem os seus próprios negócios", diz o Padre Mark Hyde, diretor das Missões Salesianas, a organização para o desenvolvimento dos Salesianos de Dom Bosco dos E.U.A.. E continua ele: "Os serviços sociais adicionais prestados durante este projeto também têm sido um verdadeiro sucesso, garantindo que os participantes tenham a triagem de saúde que precisam, bem como a nutrição, a fim de concentrarem a sua atenção na formação".

Em 2014, as Missões Salesianas começaram a trabalhar com o Instituto Dom Bosco no Cairo para financiar bolsas como parte do Projeto Nascer do Sol, graças ao apoio de doadores externos. Este programa de formação de competências ajuda refugiados e egípcios vulneráveis a obter as competências técnicas e de vida de que eles precisam para encontrar emprego e apoiar as suas famílias no seu novo país.

Até ao final de 2017, o Projeto Nascer do Sol no Cairo melhorou os meios de subsistência e a qualidade de vida de mais de 1.300 refugiados africanos subsaarianos, sírios e egípcios vulneráveis. Desse total, 46,9% eram do sexo feminino, 62,8% eram africanos, 8,3% eram sírios e 28,9% eram egípcios vulneráveis.

O Egito serve tanto como destino e país de trânsito para refugiados e requerentes de asilo. Mais de 221.675 pessoas de mais de 60 países estão registadas pelo ACNUR, um aumento populacional de mais de 44% desde 2016. Os sírios representam 57,8% do número total de pessoas

⁴² Fonte: <https://bit.ly/2Sb5fxd>

implicadas. Do resto, 49,5% são do Sudão do Sul e do Sudão e 36,5% são de outros países do Corno da África.

A grande maioria fugiu de guerras e conflitos nos seus países natais e chegou ao Egito em busca de abrigo e segurança antes de seguir para o seu próximo destino. Muitos acabam nas favelas do Cairo sem meios de subsistência devido às leis trabalhistas nacionais restritivas para os refugiados e à discriminação por parte dos egípcios. Muitos destes refugiados são mulheres e crianças que foram forçadas à pobreza e possuem poucos meios para se sustentar.

Através do Projeto Nascer do Sol, os Missionários Salesianos oferecem formação profissional e técnica para ajudar os refugiados a adquirir as competências necessárias para o emprego nos seus novos países de acolhimento. Para muitos, isto é particularmente difícil devido à legislação trabalhista e à falta de redes sociais e profissionais estabelecidas.

Este projeto também proporciona formação em competências de vida, sensibilização para a saúde, seminários de alfabetização empreendedora, painéis de trabalho, financiamento de capitais de arranque e formação de prevenção da violência para ajudar os refugiados a adquirirem as competências necessárias para terem sucesso no local de trabalho e se adaptarem nos seus novos ambientes urbanos. Entre os grandes sucessos do projeto estão os serviços sociais adicionais, incluindo vales de transporte para viagens de ida e volta, para cursos que são totalmente financiados para os participantes. Àqueles envolvidos na formação também são fornecidos vales para comprar mantimentos e outros elementos essenciais de uma loja local. Isto ajuda a garantir que as necessidades básicas como a nutrição sejam atendidas.

Cada participante também recebe um vale para um check-up de cuidados primários e um exame oftalmológico com um médico que vem à escola. Algumas receitas de medicamentos estão incluídas, assim como referências para cuidados secundários, conforme necessário.

FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS PARA REFUGIADOS NO CAMPO DE KAKUMA, MISSÕES SALESIANAS, QUÊNIA⁴³

O campo de Kakuma foi estabelecido em 1992, perto da fronteira do Quênia com o Sudão do Sul, e era um lugar de refúgio para menores não acompanhados que fugiam de fações em guerra no que era então o sul do Sudão. Hoje, o campo de refugiados de Kakuma tem mais de 185.000 refugiados, bem mais do que a capacidade de 120.000 pessoas para o qual foi construído. A maioria dos refugiados provém de países da África Oriental e da África Central, incluindo a Etiópia, a Eritreia, a Somália, o Sudão do Sul, o Uganda, o Burundi, o Ruanda e a RDC. Kakuma é operado pelo ACNUR em colaboração com os Missionários Salesianos no país, bem como várias outras organizações humanitárias. O campo oferece aos refugiados segurança, proteção e serviços que permitem salvar vidas, tais como habitação, cuidados de saúde, água potável e saneamento.

Os Missionários Salesianos do campo de refugiados de Kakuma administram a Paróquia da Santa Cruz e o Centro de Formação Profissional Dom Bosco, onde jovens tanto do sexo masculino como feminino recebem competências essenciais para o emprego e para a vida. Existem muitos cursos disponíveis e aqueles que estudam soldadura, carpintaria e pedreiro muitas vezes utilizam as suas novas competências para ajudar a construir infraestruturas dentro do campo.

Como foi observado num artigo recente da Agência Anadolu, os refugiados podem ter aulas no Centro de Formação Profissional Dom Bosco para garantir que eles terão as competências necessárias para reconstruir os seus países, caso consigam voltar para casa. "Estamos a dotar-nos de competências, que vamos usar para reconstruir os nossos países quando retornarmos a casa", disse Soieso Fumba, uma refugiada congoleza citada no artigo da Agência Anadolu.

O artigo observa que Fumba assistiu enquanto os milicianos matavam a sua família. Ela fugiu e nunca olhou para trás e tem medo de voltar para casa porque a área ainda é muito perigosa. Durante o seu tempo em Kakuma, ela aproveitou ao máximo as oportunidades no Centro de Formação Profissional Dom Bosco. "Quando eu cheguei aqui, era estu-

43 Fonte: <https://bit.ly/2RgiD3l>

dante. Eu costumava falar francês - nem mesmo uma única palavra de inglês. Agora eu vou deixar este lugar como uma designer, uma profissional, se eu posso dizer. Eu desenho roupas, crio os meus próprios padrões e tenho a certeza de que assim que eu deixar este lugar de volta ao meu país natal, levarei comigo a mudança”.

O artigo cita outra história de Kabat Hasafa, de 32 anos, que fugiu da Etiópia porque sentia que a sua vida estava em perigo. Hasafa disse:

Estou a aprender na Escola Técnica Dom Bosco. Estudo carpintaria e marcenaria. Estou a viver no Campo de Refugiados Kakuma 3. Fugi do meu país por causa de algumas questões políticas. Você sabe que no nosso país há federalismo étnico. O federalismo étnico não é apoiado pela maioria. Posso dizer isso, por isso me oponho. De alguma forma, fui prejudicado por causa da minha ideologia, por isso é que vim.

Ele observa que as competências que adquiriu no Centro Dom Bosco o ajudarão a sustentar a sua família:

Está a ajudar-me muito porque agora eu sou um estudante. Mas depois que eu termine este curso, posso usar o que eu aprendo aqui para montar o meu negócio e sobreviver. Então vou começar uma família e a vida continuará enquanto o ACNUR estiver vivo.

Gashane Mulambo, um canalizador congolês de 23 anos que perdeu os seus pais e irmã na guerra tribal, disse que as coisas mudaram para os refugiados no Quênia.

Os Missionários Salesianos operam quatro unidades de treinamento técnico no campo. O centro principal oferece formação em profissões técnicas, bem como alfabetização e matemática. Outra escola técnica oferece educação agrícola em que os jovens aprendem competências agrícolas avançadas. Outra ainda é um centro focado em tecnologia que combina acesso à tecnologia comunitária com formação em infor-

mática. A mais nova infraestrutura está a oferecer aulas para adultos em carpintaria, soldadura, costura e Inglês.

Nos últimos anos, os programas técnicos salesianos de Kakuma formaram com sucesso milhares de jovens em ofícios viáveis para ganharem a vida e cuidarem das suas famílias.

“Os refugiados geralmente chegam aqui com suas competências e experiência, enquanto muitos outros obtêm as suas competências a partir daqui, para que eles possam facilmente trabalhar no país de asilo e contribuir para a economia local”, disse Danya Kattan. Kattan é um oficial de meios de subsistência no ACNUR Quênia, que é responsável pela subsistência dos refugiados no campo de Kakuma, e que foi citado no artigo da Agência Anadolu. Ele acrescentou:

A componente de reforço das capacidades no que se refere à formação profissional ajudá-los-á a serem economicamente inclusivos e também a pô-los a trabalhar - não só no país de asilo, mas também quando regressarem ao seu país de origem para participarem na reconstrução do seu país.

Os Missionários Salesianos tiveram uma presença estabelecida no campo de refugiados de Kakuma desde 1993, como um parceiro do ACNUR para a implementação da formação profissional em Kakuma. O ACNUR observa que o campo foi inicialmente criado em 1992 para acolher milhares de refugiados sudaneses em fuga da guerra civil.

CONCLUSÃO

Apesar de muitos desafios e constrangimentos, as instituições católicas e suas afiliadas fornecem uma ajuda humanitária e de desenvolvimento vital para migrantes, refugiados, deslocados e pessoas traficadas em África, onde o aumento do número de católicos é significativo e em linha com o crescimento demográfico.

No entanto, é uma tarefa difícil fazer um relato exaustivo que reflita a verdadeira magnitude do trabalho realizado pela Igreja Católica em África. As milhares de organizações católicas espalhadas por todo o continente estão envolvidas em uma infinidade de projetos que vão desde a educação, meios de subsistência, psicossociais, emergência, defesa de direitos, cuidados de saúde e abrigo.

Este estudo é uma primeira tentativa de compilar, classificar e analisar as informações disponíveis sobre a Pastoral católica das Migrações em África e revela como a cooperação e a colaboração através da prestação de serviços sociais e pastorais reforçam a dignidade dos migrantes e refugiados e promovem o seu bem-estar individual e coletivo.

